

LUANDA — ESTUDO DE GEOGRAFIA URBANA

Luanda, a mais antiga aglomeração urbana da costa ocidental da África ao sul do Equador, foi recentemente objecto de uma «primeira monografia geográfica de carácter científico» (1). O autor, há bastante tempo preocupado com o estudo da cidade, reúne, nesta obra, uma soma considerável de elementos, com os quais dá ao leitor, num trabalho claro e denso, uma imagem cheia de vida das suas características e evolução e dos principais problemas da cidade dos nossos dias. Essa imagem viva de uma «entidade orgânica» que, no decorrer das últimas décadas, entrou numa fase de extraordinário crescimento e expansão, produzindo no seio da cidade profundas modificações, é vigorosamente apoiada pela série de gráficos, figuras e mapas e por um notável conjunto de fotografias que ilustram o trabalho.

Uma cidade de implantação portuguesa na África, com quase quatro séculos de história, com o ritmo de crescimento e a importância actual da capital de Angola — 61 000 habitantes, em 1940; 142 000, em 1950; 225 000, em 1960; talvez com mais de 300 000, em 1968 — não pode deixar de oferecer ao geógrafo um campo de estudo extremamente rico e contrastado, dinâmico e complexo. Esse campo de estudo, considerado como um todo orgânico de evolução complexa, foi objecto de uma análise minuciosa — nem sempre tão aprofundada quanto o autor desejaria, por falta ou insuficiência de documentação estatística —, sobretudo no que diz respeito às «características espaciais do fenómeno urbano e das suas relações externas» que, estamos certos, irá interessar não só a geógrafos mas a outros especialistas, assim como àqueles que, de alguma maneira, estão ligados à resolução dos inúmeros problemas da cidade e ao planeamento da sua evolução futura.

(1) ILÍDIO DO AMARAL, *Luanda (estudo de geografia urbana)*, vol. 53, «Memórias» da Junta de Investigações do Ultramar (2.ª série), Lisboa, 1968, 152 pp., 28 figs., 77 fot., 4 mapas.

O estudo do ambiente geográfico de Luanda, a importância do «sítio» e «posição» no seu desenvolvimento e a morfologia urbana, nas suas relações com as condições físicas e históricas, são temas tratados no capítulo I «Apresentação da cidade de Luanda».

A capital de Angola, fundada, em 1576, num litoral árido, num morro com boas condições de defesa, sobranceiro a uma grande baía, que oferecia boas condições de porto, porque abrigada do lado do mar por uma extensa restinga — a «Ilha» —, à entrada dos reinos de Angola e do Congo, funcionou, desde cedo, como um centro administrativo, militar e comercial, que serviu de apoio à penetração para o interior.

O desenvolvimento de Luanda, ao contrário de certos núcleos de fundação portuguesa da outra margem do Atlântico, foi durante mais de três séculos muito lento. A série de referências acerca da população, da área e fisionomia da cidade até final do século XIX, coligidas e apresentadas pelo autor, no capítulo II, sobre a «Génese e evolução de Luanda», mostram bem esse processo lento de evolução, que continuaria ainda nas primeiras décadas do século actual. As principais razões desse facto não se desligam das vicissitudes políticas e económicas da história da colonização da Província. Entre as mais importantes, apontam-se: a pequena permanência da população europeia, atraída para o interior, primeiro pelo mito das riquezas minerais, depois pelo comércio de escravos e em menor escala de outros produtos da terra, ou enviada para outras fundações; um longo período de dependência económica do Brasil; a má organização do comércio; a importância do número de degredados entre a população branca.

A independência do Brasil (1821), a abolição oficial do tráfico (1836) — apesar deste ter continuado, sob a forma de tráfico ilícito, até bastante tarde — não deixariam de produzir os seus efeitos na cidade, que, em meados do século XIX, se debatia por «sair da sua função pluricentenar de entreposto de tráfico». A pouco e pouco a população ia-se fixando, o comércio diversificava-se, o artesanato e os serviços desenvolviam-se. Se, em 1845, a cidade possuía cerca de 5606 habitantes — 1601 brancos; 491 pardos, a maior parte livres, e 3513 pretos, dos quais 2733 escravos —, em 1881 a população urbana passou para cerca de 11 000 habitantes — 1453 europeus, dos quais 718 degredados.

No fim do século passado, após um período em que Luanda beneficiou de alguns melhoramentos importantes — instalação dos serviços telefónicos (1884), do cabo submarino (1886), inauguração da primeira secção do caminho-de-ferro de Malange (1888) e da rede de fornecimento de água captada do Bengo (1899) —, a cidade continuava a ser um pequeno núcleo de menos de 30 000 habitantes, «praticamente com os mesmos limites da cidade dos fins do século XVII». A planta de Luanda era irregular, com pequena densidade de construções, dividida, como acontecia desde os primeiros tempos, devido a condições topográficas locais, em duas partes — a «cidade Alta», onde entre outras construções de vulto se encontravam a fortaleza e o Palácio do Governo,

e a «cidade Baixa», «de actividade comercial e portuária». Estes e outros traços — por exemplo a praça do desembarque, das «Portas do Mar», o passeio público, a rua Direita, a arquitectura dos palácios, sobrados e igrejas — davam à cidade de então e ainda do primeiro quartel do século actual uma fisionomia bem portuguesa, que não resistiu à profunda fase de renovação das duas últimas décadas. Com o grande surto de desenvolvimento demográfico e urbano, que se processou a partir do fim da segunda guerra mundial, a cidade adquiriu a fisionomia das grandes cidades modernas.

A evolução da população, especialmente a partir de 1930, assim como as suas principais características e distribuição na área da cidade, são problemas tratados no capítulo III «Luanda e a sua população». Se considerarmos que a população de Luanda passou da ordem dos 50 000 habitantes, em 1930, para a dos 225 000, em 1960 ⁽²⁾, o que dá um aumento, em média, para esse período e por ano, de 5800 habitantes, e se considerarmos que «as taxas de crescimento fisiológico são relativamente fracas, o aumento considerável da população resulta essencialmente dos grandes excedentes entre as entradas e as saídas de indivíduos». A estatística da variação da população de Luanda, por grupos somáticos, nos últimos decénios, é sugestiva até para a compreensão de alguns aspectos e problemas da evolução da cidade. «Embora os pretos tenham a maior participação no volume total, o aumento mais vigoroso, entre 1950/1960, pertenceu ao elemento branco», facto que fez descer a relação do número de africanos por cada branco, de 5,8, em 1950, para cerca de 3,6, em 1960. O estudo analítico das pirâmides de idades torna evidentes, apesar de algumas diferenças entre os grupos somáticos, a juventude da população e um nítido desequilíbrio de sexos (cerca de 136 homens para 100 mulheres, em 1960). Estes factos explicam-se pela importância das correntes de imigração estabelecidas a partir de diversas partes da Província e, em menor escala, mesmo para o grupo branco, directamente do exterior. Os resultados obtidos através da consulta de um grande número de fichas da P. S. P., sobre os «musseques» da periferia da cidade, servem de base a uma interessante amostragem das origens da sua população.

O grande desenvolvimento demográfico e económico dos últimos tempos, acompanhado da evolução das principais «Actividades Urbanas» (cap. IV), deu origem a um ritmo de crescimento que chega a comprometer o desenvolvimento equilibrado da cidade, fazendo surgir a cada passo os mais variados problemas. A apreciação dos principais é feita no capítulo V «A Expansão Urbana e os seus Problemas».

A cidade de Luanda, de longe a maior cidade angolana — em 1960, o Lobito, a segunda cidade da Província, pouco excedia os 50 000 habitantes — continua, apesar do alargamento da sua área no planalto, a ter o centro das actividades económicas na «Baixa» dividido em dois núcleos principais — o mais antigo situado em torno da antiga zona

das «Portas do Mar», profundamente remodelado na densidade de ocupação do solo e nos tipos de construção, e o mais recente, situado um pouco mais para norte, na proximidade das actuais instalações portuárias. Este centro é nitidamente excêntrico, em relação à vasta área urbanizada do Planalto — essencialmente residencial e onde a indústria se tem estabelecido, com frequência, «ao longo das estradas». Esta parte da cidade, que não deixa de alastrar, entra em contacto com as extensas áreas dos «musseques», constituídas por aglomerações mais ou menos caóticas de cubatas, na maior parte dos casos sem qualquer espécie de urbanização. Neles vive a grande massa de população africana juntamente com alguns brancos e mestiços, pois a «separação é, sobretudo, do tipo económico e social». A «cidade dos musseques», que contrasta de uma maneira impressionante com a «cidade branca», põe a Luanda problemas de urbanização de grande acuidade e de difícil solução.

Com todas estas características de génese e evolução, Luanda, uma grande aglomeração «sem região próxima», mas dominando uma vasta área, sem a qual a cidade não se chega completamente a compreender, tem de ser considerada como um caso particular da geografia das cidades.

L. GOUVEIA

⁽²⁾ Segundo o recenseamento: 224 540 indivíduos, dos quais 55 567 brancos, 13 393 mestiços, 155 325 pretos e 55 de outras origens.